

COMPETÊNCIA DISCURSIVA: LEITURA, CITAÇÃO E PARÁFRASE COMO ATIVIDADES DE PRODUÇÃO EM DISCURSO SEGUNDO

Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN/UFS)
eliaspedrosa@uol.com.br

1. Introdução

A competência discursiva envolve conhecimento que articula formas gramaticais e significados a fim de produzir textos nos mais diversos gêneros. Na atualidade, o discurso pode ser considerado ou trabalhando sob dois pontos de vista (PEDRO, 1998): o discurso ‘como um momento do uso linguístico’ em que os sujeitos são participantes do mesmo discurso; ou ‘o uso linguístico como um momento de um discurso’ em que os sujeitos são participantes em discursos diversos. Por considerarmos a competência discursiva como uma das grandes habilidades desenvolvidas em situação de aprendizagem, então, nesta comunicação, pretendemos atingir o objetivo de comparar atividades de citação e paráfrase em contexto acadêmico universitário a partir da leitura de dois textos. Como aporte teórico, respaldaremos a pesquisa, especialmente, mas não somente, em duas obras: “O trabalho da Citação” de Compagnion (2007) e “Cenas da enunciação” de Maingueneau (2006). Segundo o primeiro autor, o grifo funciona como uma etapa no processo da leitura. O Texto passa a receber a marca do leitor, num gesto de interação. É sua forma de reconhecer o texto, marcando-o, sobrecarregando-o de sentido e valor. Este funciona também como uma forma preliminar da citação. Assim, toda citação nada mais que uma primeira leitura. A fim de atingir os objetivos, o *corpus* será formado a partir da contribuição de 12 alunos do curso de Letras, Linguística III, da UFRN, 2009.2 e compreende citações e comentários/paráfrases dos textos de Fernanda Mussalin (2001) e de Sirio Possenti (2009). A metodologia consistiu em solicitar aos alunos que lessem os textos e a partir destes, fizessem 10 citações e tecessem comentários ou fizessem paráfrase. O que se verificou foi que certas partes do texto mereceram destacabilidade e, deste modo, foram transformadas em citações que, por sua

vez, foram parafraseadas o comentadas de acordo com a releitura feita, tomando por base o conhecimento prévio do aluno sobre o dito.

2. *Competência discursiva*

Desde que Chomsky introduziu o termo competência em dicotomia com desempenho, este termo tem estendido seu significado para não só a área da gramática mas também do texto\discurso, principalmente diante das propostas das gramáticas de texto (estudo do texto que antecedeu a Linguística Textual) Assim, expressa-se Koch (2006, p. 06), referendo-se à competência do falante em relação ao texto: “qualquer falante é capaz de *parafrasear*, de resumir um texto, de perceber se está completo ou incompleto, de atribuir-lhe um título, ou de produzir um texto a partir de um título dado” (grifo nosso).

A competência textual do falante ligou-se, inicialmente, à percepção de que o falante dominaria um conjunto finito de regras que seria capaz de compreender e produzir textos. Essa competência também daria conta das regras que capacitariam os usuários a identificar se uma determinada sequência de frases constitui (ou não) um texto, se este é dotado de sentido, ou seja, se ele constitui um texto bem formado (GALEMBECK, 2010).

Em suas considerações sobre a Linguística Textual, Galembek (2010) afirma que “outras manifestações dessa competência são a capacidade de resumir ou parafrasear um texto. Capacidade esta que nós estamos verificando neste trabalho.

Charolles (1983, *apud* GALEMBECK, 2010) admite que o falante possui três competências básicas:

Competência formativa: permite ao usuário produzir e compreender um número infinito de texto e avaliar, de modo convergente, a boa ou má formação de um texto.

Competência transformativa: refere-se à capacidade de resumir um texto, parafraseá-lo, reformulá-lo, ou atribuir-lhe um título, assim como de avaliar a adequação do resultado dessas atividades.

Competência qualificativa: concerne à capacidade de o usuário identificar o tipo ou gênero de um dado tipo, bem como à possibilidade de produzir um texto de um tipo particular.

Embora se possam apontar algumas limitações das gramáticas de texto, o que nos interessa aqui é esta competência transformativa que, por sua vez, é decorrente da competência formativa, pois não há como parafrasear, por exemplo, um texto sem avaliá-lo e compreendê-lo como tal.

Maingueneau (2008, p. 52), no capítulo “Uma competência discursiva” (no livro *Gênese do discurso*), afirma que “o princípio da competência discursiva permite esclarecer um pouco a articulação do discurso e a capacidade dos Sujeitos de interpretar e de produzir enunciados que dele decorrem” afirma ainda que um indivíduo, durante sua vida, “pode, sucessivamente e talvez simultaneamente, inscrever-se em competências discursivas distintas” (p. 53).

Além dessa competência discursiva, Maingueneau (2008, p. 55) vai além e destaca a questão da competência interdiscursiva e para tal apresenta duas pressuposições:

- a aptidão para reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados da ou das formação (ões) do espaço discursivo que constitui (em) se Outro;
- a aptidão de interpretar, de traduzir esses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de restrições.

Comentando este livro de Maingueneau, Possenti (2008, p. 127) enfatiza que sua tese principal é o fato da competência discursiva ‘comandar’ “todos os aspectos de um discurso, inclusive as práticas dos enunciadoreis.”

3. Destacabilidade, Citação e Paráfrase: O Que São?

Tomamos como referência para trabalhar com ‘destacabilidade’ a contribuição de Maingueneau (2006) no seu livro ‘Cenas da enunciação’. O autor aborda vários tipos de ‘citações’, desde as frases feitas, provérbios, máximas (enunciados autônomos, que aspiram à destacabilidade) até as citações que as chamou de ‘filosóficas’, ou seja, “as de textos que marcam umas ou outras de suas sequências

como destacáveis”. São as citações que marcam posicionamentos. Segundo o autor, a destacabilidade pode ser anunciada de algumas maneiras:

- Pelo paratexto: ao fazer dele um título ou um intertítulo.
- Ao longo do texto propriamente dito: ao lhe reservar uma posição relevante (inicial ou final, por exemplo, mas não só essas posições).
- Pela embreagem enunciativa: ao lhe conferir um valor generalizante ou genérico.
- Pelo metadiscurso: ao explicitar uma operação que confere um papel-chave a este ou àquele enunciado (por exemplo, por uma retomada categorizadora: "essa verdade essencial..."). (MAINGUENE-AU, 2006, p. 76)

A questão da destacabilidade, a nosso ver, pode se referir à função-autor ou ao leitor, pois o produtor do texto pode utilizar recursos linguísticos, discursivos e gráficos que evidenciem fragmentos, tornando-os destacáveis para o leitor – como dissesse ‘este posicionamento é importante’; mas, por outro lado, o leitor também pode proceder a sua leitura de modo a destacar outros fragmentos do texto que não aqueles do autor. Assim, leitores diferentes podem ou não proceder a recortes diferentes. Podemos até julgar que os recortes (destacabilidade) são direcionados pelo conhecimento do assunto abordado no texto ou podem ser conduzidos pelo equilíbrio entre o que é dado e o que é novo para um leitor específico.

A destacabilidade que se transforma em citação passa a sofrer dois tipos de operações: exclusão e inclusão. É recortado de seu texto-base (exclusão) para um texto em produção (processo de inclusão).

Segundo Maingueneau (2006, p. 17) a fórmula filosófica compartilha de três dimensões do "espaço filosófico": *campo*, *arquivo* e *rede de práticas*. Participa do *campo* quando marca um posicionamento, ou seja, quando estabelece um território, traçando uma fronteira que, como tal, separa interior e exterior de uma doutrina. Como se inscreve na memória, participa também do *arquivo*. “Enfim, ela é inseparável de *práticas*”.

Algum ‘texto’/citação resultante da destacabilidade, por participar de dois planos – enunciado autônomo e fragmento extraído de

um determinado texto – implica uma forte tensão constitutiva. O primeiro aspecto está ligado á sua intransitividade, pois ele recebe o status de enunciado autônomo. Já o segundo aspecto aponta para o fato do fragmento (citação) dar ‘acesso ao conjunto de uma doutrina’.

Para o mesmo autor, há dois planos que se interagem quando se analisam os usos da citação: o dos *procedimentos*, e o dos *lugares*. Os procedimentos são embasados em diversos critérios, como ‘enunciativos, tipográficos, sintáticos, prosódicos: discurso direto, indireto, direto livre, discurso direto com *que* etc.’. Enquanto os lugares são categorizados através dos gêneros, dos tipos de discursos (ex: a imprensa), e dos posicionamentos (como exemplo: o discurso comunista).

No discurso citado, por ser corte de um fragmento, precisa-se levar em conta a explicitação de sua fonte. Este caso de citação prototípica é bastante utilizada em situação acadêmica como fonte argumentativa em trabalhos científicos.

Em seus estudos Negroni (2008) assinala que o uso de citação direta, ou seja, as que retomam as palavras do outro (outros autores) tem papel basilar como forma argumentativa do saber, funcionam como “evidências de que quem escreve conhece o estado de sua disciplina e ‘sabe’ do que está falando” (BOLIVAR, *apud* NEGRONI 2008, p. 99). A mesma autora indica, como resultado de sua análise, que estudos em Linguística (diferentemente de Medicina, objeto também de sua investigação) tendem a citar, com mais frequência, a voz do outro, utilizando-se de aspas, dois pontos, e outros recursos. Faz parte ainda da prática de pesquisadores desta área: introdução da fala do outro em seu discurso (discurso híbrido, na nomenclatura de Maingueneau).

Falando das citações destacadas e integradas (nomenclatura de BOLÍVAR, *apud* NEGRONI, 2008), a autora expõe que as primeiras apresentam uma extensão entre três, quatro ou mais linhas e costumam vir em destaque no texto. Já as integradas são breves e costumam ser integralizadas ao discurso do autor do texto em questão, e vêm recontextualizadas com aspas e isto “muitas vezes com a indicação da atitude que adota o locutor frente ao ‘já dito’” – por exemplo: ‘como bem assinala Fulano’, ‘segundo posicionamento de’,

Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 2, t. 2

etc (NEGRONI, 2008, p. 103).

Há ainda o caso das citações de paráfrase:

Aquelas partes do texto que se referem ou mencionam as idéias, conceitos e pesquisas de outros autores, que são acompanhadas com o nome do autor e\ ou número de página (opcional) para dar evidência de que se trata do saber próprio ou de outros (BOLIVAR, *apud* NEGRONI, 2008, p. 102, nota de rodapé).

O posicionamento de Compagnon (2007) para a atividade discursiva da citação, é que esta é uma atividade de ‘recorte e colagem’ como num jogo infantil de uso de tesoura e papel. Mas há o outro lado ‘cruel’ do jogo, pois é também extração, mutilação e desenraizamento. Vejamos, para não mutilar suas palavras (ou para mutilá-la):

Quando cito, extraio, mutilo, desenraizo. Há um objeto primeiro, colocado diante de mim, um texto que li, que leio; e o curso de minha leitura se interrompe numa frase. Volto atrás: re-leio. A frase relida torna-se fórmula autônoma dentro do texto. A releitura a desliga do que lhe é anterior e do que lhe é posterior. O fragmento escolhido converte-se ele mesmo em um texto, não mais fragmento de texto, membro de frase ou de discurso, mas trecho escolhido, membro amputado; ainda não o enxerto, mas já órgão recortado e posto em reserva. Porque minha leitura não é monótona nem unificadora; ela faz explodir o texto, desmonta-o, dispersa-o. é por isso que, mesmo quando não sublinho alguma frase nem a transcrevo na minha caderneta, minha leitura já procede de um ato de citação que desagrega o texto e o destaca do contexto (COMPAGNOM, 2007, p. 13).

Todos os leitores, com certeza, reconhecem que algumas frases (períodos/parágrafos) são destacáveis em sua leitura (ler com o lápis na mão), e são essas que são citáveis ou imitáveis através de comentários e paráfrases.

Há no processo da citação toda uma constelação semântica que envolve: repetição, memória e imitação. “O grifo assinala uma etapa na leitura, é um gesto recorrente que marca, que sobrecarrega o texto com o meu próprio traço” (COMPAGNOM, 2007, p. 17).

Ainda segundo o mesmo autor,

O grifo na leitura é a prova preliminar da citação (e da escrita), uma localização visual, material, que institui o direito do meu olhar sobre o texto. (...) o grifo coloca marcas, localizadores sobrecarregados de sentido, ou de valor; ele superpõe ao texto uma nova pontuação, feito ao rit-

mo de minha leitura. (...) toda citação é primeiro uma leitura – assim como toda leitura, enquanto grifo, é citação. (COMPAGNOM, 2007, p. 19).

Como vimos, a citação é resultado direto do ‘grifo’ (virtual ou real\material) que o leitor efetua enquanto ler.

4. Da acomodação à citação

De certa forma, não há sujeito da citação, senão em um regime democrático da escrita. (COMPAGNOM, 2007, p. 51).

No processo de encontro do leitor com o texto, este concede àquele a liberdade da acomodação. Como diz Compagnom (2007, p. 22): “que ele acomode o texto e que nele se acomode, sendo as duas coisas muitas vezes contraditórias. O leitor deverá encontrar o lugar de onde o texto lhe seja legível, aceitável.” Assim, o autor afiança que a citação nada mais é que um elemento de acomodação, pois ela demonstra que houve reconhecimento, identificação entre o texto e o leitor.

Outro processo que se destaca, neste contexto, é a solicitação. Compagnom explica que “a solicitação é o correspondente, em leitura, da enunciação: um acomodamento, uma conciliação do enunciado” (COMPAGNOM, 2007, p. 26).

A citação representa que houve uma ‘paixão’ por aquela leitura específica. Só uma leitura que seja solicitadora e excitante produz a citação. A citação faz com que a leitura ecoe na escrita. E representa os processos de ‘extirpação’ e de ‘enxerto’, funcionando ao mesmo tempo como objeto dessas duas operações. Sobre essas operações, Champagnom (2007, p. 36) conclui:

O amálgama, na citação, de duas manipulações e do objeto manipulado tem por efeito tornar natural um procedimento inteiramente cultural. (...) Em seu emprego habitual, a citação não é nem o ato de extirpação, nem o do enxerto, mas somente a coisa, como se as manipulações não existissem, como se a citação não supusesse uma passagem ao ato. Na medida em que se ignora o ato, é a pessoa do citador que é ignorada, o sujeito da citação como transportador, negociante, cirurgião ou carneceiro.

O interessante em todo este processo e discussão é como o ci-

tar liga-se ao ato de ler e escrever. A substância da leitura e da escrita é a citação, àquela através dos processos de solicitação e excitação e esta com a reescrita.

Apropriando-nos do dito no capítulo sobre sistema de citação de Mouillaud (2002), direcionado para o discurso jornalístico, os trabalhos acadêmicos estão cada vez menos na origem de seus enunciados: “sob a escritura do [do trabalho acadêmico] jornalista, ainda há escrituras; sob seu discurso, outros discursos” (MOUILLAUD, 2002, p. 118), lida-se, deste modo, com que o autor chama de “hierarquização de vozes.” Ainda dentro deste contexto, ele afirma que “(...) a reprodução (ou citação) põe face a face universos de discursos diferentes, que devem ser articulados no interior de uma enunciação única, aquela do locutor que reproduz o enunciado de um outro locutor.” (MOUILLAUD, 2002, p. 122)

Quando Bakhtin tratou do discurso citado, posicionou-se afirmando que este é um tipo de discurso “*no discurso, a enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso*, uma *enunciação sobre a enunciação*. (BAKHTIN, 2002, p. 144, grifo do autor). E ainda orienta o modo como isto deve ocorrer, ou seja, deve ocorrer “a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo” (BAKHTIN, 2002, p. 148).

Outra questão é levantada por Maingueneau (2001), ele advoga que, na verdade, quando se utiliza um DD por mais que se tente ser fiel ao que está sendo citado, é impossível este grau de objetividade, pois o discurso direto nada mais é que um fragmento recortado pelo enunciador do novo texto (discurso citante) que dispõe de recursos linguísticos e discursivos para lhe dar uma faceta particular.

5. Metodologia

O *corpus*, formado a partir da contribuição de 12 alunos do curso de Letras, Linguística III, da UFRN, 2009.2, compreende citações e comentários/paráfrases dos textos de Fernanda Mussalin (2001) introdutório à Análise do Discurso (texto 01) e de Sirio Posenti (2009) sobre a concepção de sujeito (da AD) (texto 02). A me-

metodologia consistiu em solicitar aos alunos que lessem os textos e a partir destes, fizessem 10 citações e tecessem comentários ou fizessem paráfrase. Vale ressaltar que o segundo texto já apresentava fragmentos destacáveis, considerando que o autor enumerou 10 formas ver o sujeito da AD. Assim, considera-se que, de certa forma, as citações foram conduzidas pelo autor do texto.

6. *Leitura, destacabilidade, citação e paráfrase: A (in)competência discursiva do leitor-produtor*

6.1. Citação: recortes (des)focados

Em relação à citação, podemos destacar que podem ser recortadas do texto, respeitando-se os limites de seu antes e seu depois. Ou, podem-se identificar citações que são inapropriadamente retiradas de seu cotexto, prejudicando seu sentido.

6.1.1. *Exemplos do 1º caso:*

A primeira época da Análise do Discurso (doravante AD-1) explora a análise de discursos mais “estabilizados”, no sentido de serem pouco polêmicos, por permitirem uma menor carga polissêmica, isto é, uma menor cobertura para a variação do sentido devido a um maior silenciamento do outro (outro discurso/outro sujeito) (MUSSALIM, 2001, p.117). (aluno 10, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 1)

6.1.2. *Exemplos do 2º caso:*

Esses exemplos do segundo caso são típicos do que Marchuschi chama “enquadres desfocados” (MARCHUSCHI, 2008).

a-(...) o ponto crucial *da teoria* é que não se pode aceitar – o que até muitos não-marxistas e não-freudianos reconhecem - a possibilidade de pensar um sujeito *sem circunstâncias*, ou que as domine completamente. (POSSENTI, 2009, p. 82 grifo do autor) (aluno 1, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2)

b-“*O conceito de formação discursivo (FD), já apresentado, é utilizado pela AD para designar o lugar onde se articulam discurso e ideologia. Nesse sentido é que podemos dizer que uma formação discursiva é governada por uma formação ideológica.* (aluno 8, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 1, negrito nosso)

c-“*Harris, como foi possível perceber, restringe-se a uma concepção de discurso como uma sequência de enunciados. Essa definição mostrou-se insuficiente para os propósitos da AD, que buscava reintegrar uma te-*

oria do sujeito e uma teoria da situação. Assim, Pêcheux, visando à construção de um arcabouço teórico que lhe permitisse isso, passa a considerar a oposição enunciação e enunciado” (MUSSALIM, 2001, p. 116) (aluno 3, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 1, negrito nosso)

d- [...] um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (MUSSALIM, 2001, p. 119 *apud* FOUCAULT, 1969, p. 14 (aluno 6, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 1, negrito nosso)

e- O estudo do discurso para a AD, *como já dito anteriormente*, inscreve-se num terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito. Assim, o sujeito lacanian, clivado, dividido, mas estruturado a partir da linguagem, fornecia para a AD uma teoria de sujeito condizente com um de seus interesses centrais, o de conceber os textos como produtos de um trabalho ideológico não-consciente (MUSSALIM, 2001, p. 110). (aluno 10, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 1, negrito nosso)

Verifica-se neste conjunto de exemplos que os recortes das citações não são semanticamente ‘completos’, pois palavras ou expressões remetem a sentidos anteriormente tratados, assim, prejudicam a leitura do DD recortado:

- a- (...) “o ponto crucial *da teoria* é que não se pode aceitar” ...: o leitor deste DD necessita voltar ao texto original a fim de saber a que ‘teoria’ a citação se refere.
- b- “*O conceito de formação discursivo (FD), já apresentado*”: explicitamente a citação destaca que o conceito de FD ‘já foi apresentado’.
- c- “*Harris, como foi possível perceber*”: observa-se nitidamente que o recorte da citação remete a informações anteriores.
- d- [...] “um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada”: neste caso, nós acrescentamos o colchete para representar a ausência de expressões que dificultaram a compreensão da citação.
- e- O estudo do discurso para a AD, *como já dito anteriormente*: a expressão em negrito solicita do leitor que saiba o que foi dito anteriormente sobre AD a fim de entender o DD apresentado.

1996

Nesse quadro, ainda podemos apontar como diferentes leitores apresentaram limites diversos para estabelecer o recorte.

6.1.3. Recorte ampliado

A questão do discurso é uma questão aberta. Para analistas do discurso afetados de alguma forma pelo “ar do tempo” da época heróica da fundação da disciplina, só há um consenso absoluto: o fim do sujeito cartesiano (melhor ainda: a decisão de combatê-lo onde aparecesse até mesmo onde devesse ser inventado). Provavelmente, *o ponto crucial da teoria é que não se pode aceitar – o que até muitos não-marxistas e não-freudianos reconhecem - a possibilidade de pensar um sujeito sem circunstâncias, ou que as domine completamente*. Fora disso, ou seja, quanto as especificações que ultrapassem a negação do sujeito dito uno e inconsciente, penso que o campo está aberto. (POSSENTI, 2009, p. 82, grifo do autor) (aluno 7, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2, negrito nosso)

6.1.4. Recortes restritos

(...) o ponto crucial da teoria é que não se pode aceitar – o que até muitos não-marxistas e não-freudianos reconhecem - a possibilidade de pensar um sujeito *sem circunstâncias*, ou que as domine completamente. (POSSENTI, 2009, p. 82 grifo do autor) (aluno 1, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2)

Veja-se que os dois exemplos acima estão contextualizados no mesmo parágrafo do texto original. A citação do aluno No 1 está inserida na citação do aluno No 7. O primeiro faz um recorte bem enxuto enquanto o numero 7 executa uma citação longa.

6.1.5. Recortes restritos com enxugamento interno

Outra forma de se fazer citação é enxugá-la internamente, para isso é necessário haver um cuidado redobrado para que o texto o DD tenha um continuidade sintática e semântica.

A questão do sujeito é uma questão aberta (...). Provavelmente o ponto crucial da teoria é que não se pode aceitar - o que até muitos não-marxistas e não-freudianos reconhecem- a possibilidade de pensar um sujeito *sem circunstâncias* (grifo do autor), ou que as domine completamente (POSSENTI, 2009, p. 82). aluno 4, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2)

A questão do sujeito é uma questão aberta. Para analistas do discurso afetados de alguma forma pelo “ar do tempo” da época heróica da fundação da disciplina, só há um consenso absoluto: o fim do sujeito cartesiano (...) *Assim como ocorre com a função-autor, as funções-sujeito também são diversas, não só em diferentes épocas, mas também em gê-*

neros diferentes. (POSSENTI, 2009, p. 82). (aluno 12, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2)

6.1.6. *Recorte com retomada explicativa, preenchimento de lacunas informativas*

“... o ponto crucial da teoria (o fim do sujeito cartesiano) é que não se pode aceitar – o que até muitos não-marxistas e não-freudianos reconhecem – a possibilidade de pensar um sujeito sem circunstâncias, ou que as domine completamente.” POSSENTI. (aluno 8, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2)

O interessante neste tipo de citação é a demonstração clara da interação ativa entre o leitor e o texto. O leitor remete a assuntos anteriormente tratados no texto e faz a conexão apropriada.

6.2. Citação, Paráfrases e Comentários (In)Próprios

Neste item apresentaremos as citações e alguns dos comentários feitos pelos alunos.

6.2.1. *Citação, paráfrases e comentários apropriados*

Citação 1

A questão do sujeito é uma aberta. Para analistas do discurso afetados de alguma forma pelo ar do tempo da época heróica da fundação da disciplina, só há um consenso absoluto: o fim do sujeito cartesiano (melhor ainda: a decisão de combatê-lo onde aparecesse e até mesmo onde devesse ser inventado). Provavelmente, o ponto crucial da teoria é que não se pode aceitar – o que até muitos não marxistas e não-freudianos reconhecem – a possibilidade de pensar um sujeito *sem circunstâncias*, ou que as domine completamente. (POSSENTI, 2009, p. 82)

Comentários

1 - A questão do sujeito é bastante aberta, e as abordagens da função-sujeito são também muito diversas; entretanto há um consenso dentro da Análise do Discurso: a negação de um sujeito uno, consciente e sem circunstâncias. (aluno 3, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2)

2 - Uma conceituação definitiva de sujeito, ou pelo menos uma acei-

ta pela maioria dos que estudam o assunto, ainda não foi alcançada. Isso se dá pela dificuldade de se determinar todos os aspectos de um elemento complexo e que se apresenta nas mais diversas formas, funções, tempos e gêneros. O único consenso sobre o tema herdado dos ideais marxistas que influenciaram a AD em seu início, é o de que o sujeito cartesiano, plenamente consciente, não existe. (aluno 5, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2)

O primeiro ponto a observar é que alguns alunos fizeram o mesmo recorte, porém reescreveram (paráfrase\comentário) de forma individualizada, como resultado de suas próprias leituras e amadurecimento intelectual. Observamos que o aluno No 3 faz um comentário(paráfrase) bem enxuto, inclusive acrescenta informação que vem no parágrafo depois do recorte que ele estabeleceu. Já o aluno No 5 faz uma paráfrase mais extensa e de maneira apropriada com comentários adequados à questão.

Citação 2

Talvez valesse a pena especificar um pouco melhor o que significa dizer que há um ponto crucial (um ponto de não retorno?) no que se refere à questão: trata-se fundamentalmente de aceitar que o sujeito é segundo em relação a seu entorno – social, lingüístico, ideológico, cultural, até mesmo biológico. Ou seja, nos termos mais ou menos correntes da AD: o sujeito é efeito (de fato, essa formulação não me agrada, porque situa o discurso da AD, voluntariamente ou não, pouco importa, no interior das filosofias que ela pretende negar – as das causas e efeitos). Dito de outra forma, também corrente, o sujeito não é origem (do sentido, da história, etc.). (POSSENTI, 2009, p. 82)

Comentários

1. Para a AD o sujeito e seu discurso são uma consequência da atuação de forças históricas, políticas, sociais, culturais, linguísticas e biológicas. Embora quem enuncie seja o sujeito, anteriormente ao discurso, existe um contexto que o condiciona. Assim, o sujeito não é a origem primeira do sentido, da história, enfim, do próprio discurso. (aluno 5, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2)

2. O sujeito é efeito de sua formação ideológica, social, cultural e até mesmo biológica, ou seja, o que há de novo no discurso original do sujeito é a forma como ele relata o que já foi dito. (aluno 8, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2)

Podemos observar que ambos os alunos comentam ou parafraseiam com propriedade a citação recortada. E o aluno 8, embora tenha seu comentário mais enxuto ainda acrescenta informação de conhecimento do assunto estudado: “o que há de novo no discurso original do sujeito é a forma como ele relata o que já foi dito”.

Citação 3

(...) passei a não aceitar a tese corrente em AD segundo o qual o sujeito é assujeitado, não foi por desconheçê-la. Foi exatamente porque eu a conhecia bastante bem e a tinha anteriormente aceito. (POSSENTI, 2009, p. 83)

Comentários

1. - Há teorias já bastante sedimentadas na AD sobre o assujeitamento do sujeito. Porém, alguns autores, inclusive o do texto, mostra que o sujeito não pode ser tão vazio por dentro, que ele precisa dizer algo “dele”. (aluno 1, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2)

2. Essa terceira *observação* sobre o sujeito, diz respeito a não aceitação de Possenti a tese fluída na AD, a qual afirma que o sujeito é assujeitado, isto é, um sujeito que se apropria de um discurso preexistente. Assim, Possenti justifica que não aceita mais essa teoria pelo fato de conhecê-la muito bem. (aluno 10, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2)

3. A tese não aceita por Possenti diz respeito ao sujeito da primeira fase da AD, na qual esse sujeito não poderia ser concebido como fonte do próprio discurso (MUSSALIM, 2001). A partir do conceito de “máquina discursiva”, quem de fato fala dentro do discurso é uma instituição, uma ideologia, e não o indivíduo. (aluno 3, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2)

Deste conjunto de comentário para a mesma citação, chamamos atenção o comentário 3 do aluno 3. Ele agrega a seu texto o que já tem como dado (conhecimento sobre AD advindos da leitura do primeiro texto) e faz uma reinterpretação da informação recortada na citação. Observe-se que ele acrescenta, com pertinência, as informações relacionadas a 1ª fase da AD e o conceito de ‘máquina discursiva’.

6.2.2. Citação, paráfrases e comentários inapropriados

Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 2, t. 2

Neste novo conjunto de citações e comentários, apontaremos aqueles exemplos em que os comentários ou paráfrases feitas pelos alunos foram inadequados. Aqui nomearemos de modo geral apenas a turma a que fez parte estes alunos (Linguística III, 2009.2 da UFRN).

CITAÇÕES	COMENTÁRIOS (entre parênteses nossos comentários)
<p>A leitura de De Certeau e de Schneider são para mim propuloras. Um encara o cotidiano da vida e das manobras do sujeito “pequenos” – os locutores que de fato falam (não o sujeito...) e andam por ai. O outro encara a literatura em grande medida a partir da psicanálise,mas,no que mais me interessa,especialmente ,a partir das práticas escritas:plagio,reescrita,originalidade etc. São suas questões. (POSSENTI, 2009, p. 85) (Aluno de Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2)</p>	<p>A comparação entre dois escritores distintos , com modo de pensar e abordagens tão distantes, aproxima-se ao mostrar a semelhança de ambos quanto as suas questões. (Observa-se pelo comentário do aluno que ele não aborda o conteúdo da citação).</p>
<p>Minhas abordagens empíricas sempre se dirigiram ao que se poderia chamar de lingüístico (na junção entre o lingüístico e qualquer outro campo). Por outro lado, nos autores que lia, sempre me atinha mais as brechas que não conseguiam fechar do que as afirmações mais dogmáticas e gerais. Os movimentos de Pechêux, por exemplo sempre permitiam uma contraleitura. (POSSENTI, 2009, p. 84)</p>	<p>Em minhas leituras fixava-me mais ao que estava explicito, do que ao explicito. (Comentário sem nexos e sem abordagem do conteúdo da citação, falta-lhe ponto de aproximação com a citação recortada)</p>
<p>– Ligar-me mais ao texto (do que a seu ‘conteúdo’) foi minha maneira de assumir o mais radicalmente possível a tese da AD de que o texto é a materialidade do discurso...” (POSSENTI, 2009, p. 85)</p>	<p>É no texto e não no seu conteúdo que se produzem os efeitos, ou seja, o sentido. (Possenti estava se referindo a análise de conteúdo)</p>
<p>“A leitura de <i>O uso dos prazeres</i> (FOUCAULT, 1984) me mostrou que Foucault também abandona seu posto antigo, e visava agora a um sujeito das práticas do cotidiano, cercado de circunstâncias que certamente não o deixam livre, mas que não o subjagam... estamos longe do sujeito assujeitado.” (POSSENTI, 2009, p. 87)</p>	<p>O estruturalismo foi responsável por apagar momentaneamente o autor, tendo o seu retorno nos anos oitenta, segundo Schneider, 1985, p. 43. (A citação que Possenti faz com base em Schneider mais adiante no texto não condiz em nada com esta indicação do aluno)</p>

Quadro 01: citações e comentários inapropriados

7. Conclusão

A partir do fichamento de um dos alunos da turma de Linguística III, 2009.2, da UFRN, gostaríamos de introduzir algumas orientações a que chegamos depois de proceder a esta investigação.

Eles me ensinaram – aprendi com eles, quero dizer – que o sentido não pode ser definitivamente o mesmo se se materializa de formas diversas. Ou seja, para ir diretamente a um ponto crucial, a paráfrase é um instrumento de análise simplificador: ela é que “controlaria” o sentido, já que impõe o mesmo ao diferente, e não as representações formais, que são metalingüísticas. (POSSENTI, 2009, p. 85)

De maneira apropriada o aluno Gallo (2009)¹ comenta que “Se todo discurso é condicionado por discursos anteriores, o que o sujeito enuncia em seu discurso seria então uma paráfrase. E seria por meio dessa paráfrase, que por ser individual pode se apresentar de infinitas maneiras, que os antigos discursos ganhariam novos sentidos, pois, segundo Possenti, o sentido não pode ser o mesmo se ele se materializa de formas diversas”.

As atividades de paráfrases ao mesmo tempo em que têm sido bastante exploradas em trabalhos acadêmicos têm sido relegadas a um trabalho intuitivo.

Por isso que como professora, após estas atividades que serviram como metodologia para minhas aulas e uma forma de os alunos lerem o texto para discussão em sala, pergunto: Que orientações recebemos quanto ao recorte de uma citação? Como proceder para encaixá-la em ‘nosso’ texto? Estas são perguntas, que respondidas, auxiliariam aos acadêmicos a procederem na preparação de seus textos e a usarem a citação como recurso argumentativo. A lista a seguir foi fruto das observações que fizemos durante o processo e também foi repassada aos alunos à medida que verificávamos a necessidade de orientá-los:

1. Identificar zonas de recortes;
2. Evitar recortes que remetam ao cotexto anterior e\ou posterior;

¹ GALLO, Marcelo Constantino. Atividade de fichamento do texto de Sirio Possenti: ‘Dez observações sobre a questão do sujeito’. UFRN, Linguística III, semestre 2009.2.

3. Buscar palavras que remetam ao cotexto anterior a fim de explicá-las;
4. Proceder a recortes de sentido ‘completo’;
5. Buscar recorte mais enxutos, preferindo-os aos mais extensos;
6. Podem-se recortar citações mais longas, fazendo-se enxugamento interno com o uso dos parênteses e reticências;
7. Podem-se incluir explicações em parênteses com a função de preenchimento de lacunas informativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2002 (VOLOCHINOV, V. N).

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. A linguística textual e seus mais recentes avanços. *www.filologia.org.br/*. Acesso em: 5 ago. 2010.

KOCH, Ingedore. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NEGRONI, Maria Marta Garcia. Os modos de dizer do sujeito no discurso acadêmico. In: MICHELETTI, Guaraciaba (org.). *Enunciação e gêneros discursivos*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 92-121.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar, 2006.

_____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MOUILLAUD, Maurice. O sistema de citações. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2002, p. 117-144.

MUSSALIN, Fernanda. Análise do Discurso. In: *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001, p. 101-142.

PEDRO, Emília. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: _____. (org.). *Análise crítica do discurso*. Lisboa, 1998, p. 19-46.

POSSENTI, Sírio. Práticas de escrita como processos de enunciação. In: MICHELETTI, Guaraciaba (org). *Enunciação e gêneros discursivos*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 122-132.

_____. 'Dez observações sobre a questão do sujeito'. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009, p. 81-90.